**REPRESENTAÇÕES DO FEMININO
EM THE TURN OF THE SCREW:
A GOVERNANTA COMO ANJO DO LAR
E MONSTRO À SOLTA**

Linda Catarina Gualda (UNESP)
lindacatarina@hotmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na novela *The Turn of the Screw*, do tão consagrado Henry James, há a presença de uma personagem feminina que transgride uma interdição do código moral no plano da sexualidade, realizando assim uma ruptura, que supõe a subversão de uma determinada ordem. Essa mulher, ao mesmo tempo em que agente, torna-se vítima de suas próprias transgressões. Na obra temos a personagem diante de sua sexualidade, em circunstâncias conflituosas, que implicam a existência de uma lei que deve ser respeitada. Há um rompimento da ordem simbólica e a partir do momento em que a governanta perde a noção de limite e o rompe, a personagem fica louca e mata. Nesse tipo de escrita, loucura e morte caminham juntas num discurso psicótico, pleno de delírios, em que ambas “são situações que beiram o indizível, o inominável, o intangível; situações às quais o discurso pode aludir, mas que jamais poderá definir, emoldurar” (Branco, 1991, p. 52).

Devemos considerar que estamos diante de um texto de autoria masculina e que por isso merece atenção especial. *The Turn of the Screw* possui o tom da autoridade, da racionalidade e da legitimidade. A linguagem masculina é tida como a autoritária, a racional e bastante apropriada para suas plataformas públicas. É um discurso que traz arraigado em si o efeito da autoconfiança, do ajuste exato, da razão acima de tudo e principalmente da eficácia; é centrado nos significados fixos, transmite uma sensação de firmeza, de direção, de organização e suas autoridades física e intelectual garantem maior prestígio e aceitabilidade. Nesse sentido, *The Turn of the Screw* é um produto do discurso falocêntrico, o qual enxerga a mulher a partir de uma cultura patriarcal impregnada de valores que só a desmerecem. Ao longo desse artigo, vamos mostrar que a mulher está sujeita a um

sistema moral, de que ela participa de forma passiva, na medida em que é repetidora de um discurso do qual não é sujeito. Esse discurso exterior coloca a questão da sexualidade feminina, em uma sociedade patriarcal em que a mulher não ocupa um lugar privilegiado, como algo descontrolado e perigoso. Sabendo-se que é através da linguagem que se instaura toda forma de poder, procuramos destacar na narrativa algumas formas de discursos mistificadores de que nossa personagem é vítima.

Isso posto, acreditamos que a governanta fora construída a partir da idéia do duplo e, justamente pela necessidade em explicar porque e como isso ocorre, decidimos estudá-la à luz da teoria da primeira fase da crítica feminista que se preocupa em “desmascarar a misoginia da prática literária – as imagens estereotipadas da mulher como anjo ou monstro, o abuso literário da mulher na tradição masculina e a exclusão da mulher escritora das histórias literárias e dos cânones acadêmicos” (Funck, 1999, p. 18). A teoria é clara – imagens estereotipadas da mulher como anjo **ou** monstro – e também é capaz de criar condições para que uma análise nesses moldes se efetive, haja vista que graças à ela temos a percepção de uma leitura desmistificada “propiciando o desvelamento da ideologia patriarcal, embutida na construção das personagens e no desenrolar da própria trama” (Xavier, 1999, p. 18).

Entretanto, mostraremos que a preceptora é engendrada a partir de uma idéia concomitante de anjo **e** monstro, carregando dentro de si as duas faces da mulher, as duas motivações do ser humano – a do Bem e do Mal, a da Virtude e do Pecado. Para nós não há um processo de exclusão e sim de conciliação. Ao longo de nosso estudo, percebemos que não é possível encarar a governanta como simplesmente anjo ou demônio. Em *The Turn of the Screw*, as dicotomias santa/louca, Maria/Lilith não valem se os pares santa/Maria e louca/Lilith forem encarados separadamente, mas se, ao contrário, forem vistos como complementares, como lados de uma mesma moeda formando, assim, a completude do ser.

O DUPLO DA PRECEPTORA

Em *The Turn of the Screw* a governanta é uma típica personagem vitoriana: atua como anjo do lar e é uma mulher dócil, contida e assexuada, em outras palavras, pura, sem mácula. Entretanto, a paixão inexplicável e ao mesmo tempo sobrenatural se constitui num elemento antivitoriano, já que a sexualidade feminina, nesta época, é um dado oculto. Percebe-se que a moral vitoriana estrangula na sexualidade a relativa autonomia econômica e social conquistada. Entretanto, a governanta não é uma personagem emblematicamente vitoriana, justamente ao optar por transcender a ordem estabelecida, por romper as amarras morais que a tolhiam.

Como preceptora, ela exerce uma função pública no espaço privado, “podendo, através do seu saber, provocar mudanças de comportamento para a própria mulher, assim como ameaçar, pela sua função, o domínio público” (Monteiro, 2000, p. 10). Por não possuir nome, o que interessa é a sua função na narrativa e, assim, a governanta de *The Turn of the Screw* é uma figura representativa da preceptora inglesa do século XIX. Isso posto, com o intuito de compreender como se engendra a questão do duplo na protagonista, propomos agora uma recuperação da trajetória desse tipo de empregada na sociedade vitoriana.

O termo preceptora foi usado por muito tempo para classificar três tipos de funções desempenhadas pela mulher: aquela que trabalhava numa escola, aquela que se deslocava até a residência do patrão para lecionar e, por último, aquela que morava na casa do patrão, dando aula para os filhos e fazendo companhia. Sua principal função era dar às crianças que cuidava uma orientação moral e social e por trabalhar num ambiente refinado, de classe média, era necessário que fosse uma substituta da mãe, alguém com boa educação a fim de perpetuar os valores vitorianos – geralmente filha de pároco (como em *The Turn of the Screw*) ou um parente (Monteiro, 2000, p. 12-13).

Entretanto, ao exercer por dinheiro funções da mulher doméstica, ela obscurece a distinção que depende de uma noção de *gender*. Vê-se, assim, que a presença da preceptora gera conflitos entre as dimensões sexual e moral da mulher. (...) No entanto, ela, paradoxalmente, representava uma ameaça a estes mesmos valores, dentre outros motivos, por sua própria posição social indefinida (Monteiro, 2000, p. 13).

Nesse sentido, por ser deslocada socialmente, sem face definida, “não encontrava nos diferentes estamentos da sociedade vitoriana um espelho que a identificasse. Presente e ausente ao mesmo tempo, qual sombra sem corpo, é desejada, temida e negada” (Monteiro, 2000, p. 10). Por isso, é comum associar a preceptora à prostituta ou à louca, negando sua inserção no espaço da feminilidade, único reservado à mulher na Inglaterra vitoriana. Rotular a mulher nesses termos significa excluí-la, anulando-a como *Outro* que não consegue se encaixar em posição alguma. “Dessa forma, a mulher é “louca” ou “prostituta” porque é diferente. E é diferente, também, porque vende o seu serviço” (Monteiro, 2000, p. 15). Por esse motivo, percebemos ao longo da narrativa o grande esforço que a governanta faz para aprender a governar a si própria, negando seu desejo de falar, de manifestar seus reais sentimentos e desejos e, por fim, sufocando sua identidade.

Desde o início do romance, a jovem se caracteriza por seu relacionamento agradável com as demais pessoas da casa, mas, apesar de parecer à primeira vista um ser estático, é através de seus pensamentos e passeios noturnos que percebemos estar diante de uma mulher inquieta. Essa mobilidade meio desajeitada a princípio tem um traço e um objetivo específico: o primeiro está relacionado ao seu temperamento perturbado, fadado ao devaneio e o segundo diz respeito a sua necessidade em encontrar algo negativo na mansão, já que acredita haver um mistério no ar. Sua representação é de uma mulher excessivamente cautelosa que fantasia com um mundo povoado de seres malignos que querem corromper as crianças que cuida.

Fica fácil perceber que essas idealizações são de natureza erótica e denunciam sua insatisfação com a mesmice de seu cotidiano. Segundo Freud (1976, p. 104), somente a pessoa insatisfeita fantasia, não as felizes. Para ele, “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória”. Isso equivale dizer que sua inclinação a fantasiar pode ser fruto de um instinto sexual reprimido e não convenientemente sublimado, conforme as exigências do código social. Uma de suas múltiplas tentativas de sublimação está no refúgio de suas solitárias caminhadas em volta do lago, desejando estar sempre na presença de um homem.

Ao assumir a função de preceptora, governanta de *The Turn of the Screw* não está ligada apenas aos instintos maternos, podendo sentir paixão e desejo. Sua liberdade sexual desperta desejos “não naturais” e por isso tem que “lidar com um conflito fundamental e constante na vida do lar: o conflito entre as dimensões sexual e moral da mulher. Na verdade, para sufocar o desejo do outro, a preceptora tinha que negar seu próprio desejo” (Monteiro, 2000, p. 36). Assim fica fácil compreender porque nossa protagonista ora é tratada pelos críticos como modelo de mulher inofensiva e assexuada num meio maligno cheio de fantasmas e crianças perversas; ora é considerada um ser marginal e perigoso, “capaz, por força do apelo sexual, de perturbar-se e trazer conturbação para a intimidade do lar, pondo em risco a frágil estrutura que sustenta a vida privada da burguesia” (Monteiro, 2000, p. 37). Esse modo de ver as coisas serviu para que associassem o trabalho da preceptora ao processo da loucura ou da prostituição. Muitos estudos do início do século XIX mostram que a maioria das mulheres em sanatórios tinham sido preceptoras e associam esse trágico fim à repressão sexual e à agressão praticada contra a vaidade feminina.

Portanto, o fato da protagonista estar sozinha no enorme casarão e de ter se apaixonado pelo patrão que não a verá nunca mais são consequências de uma situação incomum e difícil de controlar. A tentativa de sublimar seu instinto sexual lhe propicia o delírio, a criação para si mesma de situações onde seus desejos possam ser satisfeitos e onde possa se sentir viva e feliz. Não é a toa que o primeiro vulto que vê é masculino e lhe aparece em cima de uma torre, símbolo do sagrado elevado em direção ao céu. A torre também simboliza o acordo orgulhoso e tirânico, ao mesmo tempo em que relaciona confusão, dispersão e catástrofe. Na tradição cristã, a torre tornou-se símbolo de vigilância e ascensão (Chevalier & Gheerbrant, 1994, p. 888-9). Nesse sentido, levando em conta a simbologia do objeto onde Peter Quint aparece, podemos dizer que o fantasma transmite uma idéia de superioridade, na medida em que assume uma posição privilegiada como garantia de observação constante.

Além disso, estar em pé num objeto fálico vai ao encontro da necessidade em encontrar alguém do sexo oposto para satisfação de um desejo contido. Sendo assim, a torre pode perfeitamente representar o órgão genital masculino, objeto de desejo da governanta.

Como observou Peter Schwenger (1989, p. 106-7), o pênis é uma temática peculiar do modo masculino de escrever. Sendo o “instrument of the adolescent’s awakening virility, center and symbol of his manhood to the adult, the penis has enormous importance in the life of the male and very little in literature¹²”. Segundo o autor, o pênis possui a qualidade de independência do corpo, já que tem movimentos próprios e quando não sublimado inteiramente é representado apenas como um objeto inserido num contexto erótico geral, como é o caso de *The Turn of the Screw*. Por retratar um desejo sexual não sublimado e com conseqüências trágicas, a obra apresenta, em diversos momentos, um contexto erótico grotesco. Para o autor, “the grotesque implies an underlying terror arising from the sense that things are out of control. There is a force behind the grotesque that is inhuman, both stupid and vital at the same time”¹³ (1999, p. 108). Esta força está fortemente ligada ao físico e caminha para o extremo. Por esse motivo, ela deforma os contornos clássicos e proporcionais, absorvendo inteiramente a individualidade.

Exemplo disso é a última cena da obra, que funciona como uma fusão de loucura e sexualidade. Esse momento da narrativa nos permite entrever, a partir das vibrações dos personagens, dos suores do garoto, da certeza da aparição do fantasma e da necessidade em livrar o Mal da casa, o gozo contido no movimento em direção à morte. Sem dúvida, o espetáculo da terrível descrição perpassa uma atmosfera erótica, sendo esta propícia a esse ritual fúnebre e gozoso. O porquê do ato da governanta é estilizado na longa conversa com o pequeno Miles, onde os desvios elucidativos e a resposta não dada são os aspectos que mais irritam o leitor. O desenvolvimento dessa cena é apenas um dos muitos exemplos da maneira ardilosa da narradora em conduzir seu relato. A insanidade da protagonista é construída ao longo da trama e a mulher, por sua vez, não tem certeza daquilo que faz e tampouco do que sabe. Ao final da narrativa, completamente louca, ela acredita ter feito apenas o bem e se sente realizada

¹² Instrumento do despertar da virilidade adolescente, centro e símbolo da virilidade adulta, o pênis tem uma importância enorme na vida do homem e muito pouco na literatura (tradução nossa).

¹³ O grotesco implica num terror real que cresce a partir do senso de que as coisas estão fora de controle. Há uma força por trás do grotesco que é inumana, ao mesmo tempo em que estúpida e vital.

pela primeira vez em toda história. De uma maneira cruel, o assassinato não é sua punição, mas o instrumento de sua recompensa.

Isso porque a construção da personagem tem como premissa que uma mulher solta no mundo, entregue à sua própria sorte não é capaz de lidar com situações adversas e nem consegue ser independente num mundo falocêntrico. Sua necessidade em se sentir essencial é endossada pelo fato de não se adaptar a um mundo muito diferente do seu, de não compreender sua responsabilidade de governanta e nem aceitar sua condição solitária. A ausência de uma figura masculina na casa, causa-lhe tanta insegurança que sente necessidade em se auto-afirmar a qualquer custo. Sua maior ambição é ser reconhecida e, para isso, cobra do garoto um tributo a sua devoção. A necessidade de possuí-lo e não de salvá-lo, como afirma o tempo todo, só demonstra sua atitude egoísta e infantil.

Na visão machista do autor, a mulher é tida como uma criatura frágil, irresponsável, inferior e sem qualquer possibilidade de recuperação para a sociedade, só merecendo a insanidade como companheira. O que se condena na obra é o fato da governanta ser incapaz de resolver um conflito que ela mesma cria, optando por fugir de uma solução coerente e satisfatória. Ela acaba sendo mais vítima de suas alucinações do que do real perigo que os fantasmas possam trazer à tona.

O tema da loucura feminina, mito do romance gótico, é tratado por James num clima de mistério. Entre os dois arquétipos – a santa e a louca, ou ainda, o anjo e o monstro – em que se divide a consciência do feminino, a governanta se apóia mais na segunda imagem para construir sua própria trama. Em *The Turn of the Screw*, a loucura pode simbolizar muitas coisas: o limite extremo do caminho desviante escolhido pela mulher, que contratada para educar as crianças, muda o foco para uma busca sôfrega em libertá-las; o caminho da mulher fora de seu ambiente, desamparada e só, mas altiva e disposta a sobreviver; a repressão dos desejos sexuais femininos – loucura moral. Sendo assim, parece que a plenitude da preceptora e, portanto, sua liberdade e sanidade, dependem do domínio de seus próprios desejos carnis fortemente reprimidos. O movimento duplo entre a obsessão dos pecados da carne e sua repressão, assim como o

tom desesperado que percorre toda a obra, denunciam a carga erótica com que foi construída.

A percepção de sua insanidade é o limite extremo entre o caminho da mulher desamparada e cruel que precisa expressar seus desejos sexuais reprimidos por uma educação vitoriana. Parece que os desígnios da razão e do bom senso sobrepujam os apetites sexuais impossíveis. A *persona*¹⁴ de mãe que adota entra em choque com sua consciência individual, comprometendo seu equilíbrio psíquico. Sua obsessão em fazer o bem a qualquer custo se torna patológica a partir do momento em que não sabe distinguir nem controlar seus sentimentos. Na obra, a governanta é a típica mulher que vive reclusa, como rainha e ao mesmo tempo escrava do lar, sem direito a habitar um outro espaço. O diário surge, então, como um recurso para que possa manter a própria sanidade, já que se vê completamente silenciada. Nessas condições, para ela a casa, “longe de ser o refúgio das vicissitudes da vida, o espaço que cura – segundo o modelo vitoriano – é o calvário no qual está inserida” (Lima, 2005, p. 32).

Nesse sentido, não é de se admirar que muitas passagens importantes da narrativa aconteçam próximas ao lago da propriedade, já que a água também é um signo ambíguo: a aparição de Miss Jessel, a certeza de que as crianças mantêm contato com os espíritos e a morte simbólica de Flora. De acordo com Chevalier & Gheerbrant (1994, p. 533), o lago simboliza o olho da Terra por onde os habitantes do mundo subterrâneo podem ver os homens e pode ser a mãe de todos os seres, dando vida e garantindo a existência da fecundidade. Os lagos são também considerados como palácios subterrâneos de onde surgem seres perigosos que atraem os humanos para a morte. Sendo assim, tomam a significação ambígua de paraísos ilusórios, já que simbolizam as criações da imaginação exaltada. Transportando essa simbologia para a trama de *The Turn of the Screw*, percebemos que a primeira aparição da antiga governanta é realmente a evocação do Mal e por estar numa das margens do lago de Bly transmite a idéia de soberania e fertilidade.

¹⁴ Adotamos aqui a definição de Paiva (1990, p. 40-41): *persona* é uma “máscara imprescindível a cada um para o desenvolvimento de papéis sociais com o intuito de produzir um determinado efeito ou preservar a verdadeira natureza do indivíduo”.

Dentro da narrativa misteriosa tudo inclina à morte e a água comunga todos os poderes da noite e da morte. Segundo Brandão (1999, p. 76), a transformação de imagens da água vai desde a sua transparência até a tonalidade sombria que guarda o desejo da morte. O barco simboliza a segurança e favorece a travessia da existência; a margem oposta é o estado que existe para além do ser e do não-ser, aquilo que não se compreende. Nesse sentido, a travessia e a água assumem para si o poder ambivalente do feminino: torna-se útero e túmulo, fonte de vida, meio de purificação, centro de regenerescência; mas também é fonte de morte, criadora e destruidora – da mesma maneira que a governanta: uma mulher que protege e mata, que carrega dentro de si a dialética do anjo e do monstro. Os elementos que envolvem a obra aliados ao lago e a penumbra estão combinados a fim de estabelecerem imagens dinâmicas necessárias num devaneio de raiva e desespero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do nosso percurso, podemos fazer uma leitura de *The Turn of the Screw* seguindo o pensamento de que a governanta é de fato uma mistura de Eva e Lilith, de anjo e monstro, de inferno e paraíso, num quiasma perfeito onde a propriedade de Bly funciona como o céu, o patrão como Deus e o pequeno Miles como Adão, tudo isso orquestrado pela mente confusa de uma mulher que não sabe ao certo seu papel nessa trama de horrores. Destinada a ser mãe de todos, assim como Eva, a governanta se sente responsável pela criação das crianças, além de desejar um tradicional casamento patriarcal com o patrão, seguindo fielmente sua natureza submissa.

Entretanto, devido a um desejo que não é capaz de controlar, além de uma constante sensação de incômodo, a jovem mulher capta a qualidade essencial de Lilith e mostra seus lados ambivalentes. Ora Deusa, ora demônio, ora tentadora, ora assassina, seu lado sombrio vem repleto de imagens de punição e raiva “na pele de uma mulher sedutora e assassina de crianças” (Koltuv, 1986, p. 37). A medida que tenta dar conta das suas funções primeiras de mãe e também de açoitadora, a governanta se mostra incapaz de conciliar o malabarismo de ser dupla e sua sincronia e equilíbrio se transformam em loucura e desespero. Para completar, sente-se invadida pelo furor assassino de

Lilith por não conseguir arcar com seus deveres de mãe. Na verdade, o que se percebe é que a “autodestrutiva cisão entre Eva, a nutridora de crianças, e Lilith, a assassina de crianças, é observada naquelas mulheres que não atendem às suas próprias necessidades corporais” (Koltuv, 1986, p. 112).

Nesse sentido, a governanta não é exceção à regra, já que se nota uma tentativa de estrangular seus desejos interiores de amor e aprovação. Esse seu lado rejeitado produz uma busca demoníaca pelo poder de comandar e de colocar ordem naquilo que se apresenta como inaceitável. Sendo Eva o protótipo da mulher moldada, a jovem governanta guarda em si a tradição de que a mulher deve ser comandada por algum Adão – o patrão, no início, depois Peter Quint e, por fim, Miles – sendo auxiliar e companheira, cuja “posição social esteja atrelada à responsabilidade pela preservação do casamento e pela felicidade do lar (marido e filhos)” (Paiva, 1990, p. 55-56). Entretanto, sua natureza ambivalente inclui ainda o mito de Lilith, o mito da exclusão, que se reivindica igual e, como veículo do pecado e da transgressão, a governanta não mais se transforma na companheira de “Adão”, mas sim em algo demoníaco manifesto, um misto de saliva e sangue¹⁵. Nesse sentido, fica claro que estamos diante do “arquétipo maternal” na forma ctônica, em outras palavras, aquele que, de um lado, protege e nutre e de outro devora (Paiva, 1990, p. 55-56).

Para crescer e se desenvolver num meio que não lhe pertence, mas que almeja conquistar e dominar, a jovem governanta sabe que precisa integrar as qualidades de liberdade, movimento e instintividade de Lilith, ou seja, qualidade pela qual se nega a ser aprisionada num relacionamento e a cumprir o modelo tradicional da mãe-esposa-dona-de-casa, ou mesmo da freira-beata. “Ela deseja a liberdade de se mover, de agir, de escolher e de decidir. Essas são as qualidades do ego feminino individualizado à medida que emerge da matéria inerte e passiva” (Koltuv, 1986, p. 40.). E como já possui plenos poderes de decisão, ela passa a buscar o controle da mansão e mesmo dos sentimentos e movimentos dos demais personagens. Por

¹⁵ Roberto Sicuteri supõe que a lenda de Lilith, como a primeira mulher de Adão, foi perdida durante a época de transposição da versão jeovística para a sacerdotal. Para ele, Lilith é um mito anterior ao mito de Eva que se caracteriza como um verdadeiro espírito demoníaco.

ser incapaz de controlar e de aceitar seus desejos íntimos, ela transfere sua fragilidade para a consciência dos seres que habitam a propriedade como uma maneira de se isentar da culpa que lhe aflige. Na obra, a governanta “ora é a representação da Virgem Maria, a mãe arquetípica; ou a figura telúrica, plena de sensações e sentimentos em detrimento da razão; ou pertencendo a ambas as categorias ao mesmo tempo” (Tolentino, 2005, p. 59).

Não estamos ignorando o fato de que a mulher em *The Turn of the Screw* realmente deseja se casar com o patrão, ser a dona da propriedade de Bly e cuidar das crianças como mãe. Mas esse é apenas uma das faces dos estilhaços de personagem que conhecemos e mesmo esse lado só se manifesta no início da obra. Isso é tão verdadeiro que quando se sente ameaçada – ou pelas aparições que diz ver ou por não ser correspondida no amor carnal pelo garoto – opta por fazer valer o seu papel superprotetor que apela não mais para o sentimento materno, mas para o desejo sexual. Na novela, “a paixão ao mesmo tempo sexual e sobrenatural é absolutamente antivitoriana” (Wanderley, 1996, p. 51). Isso equivale dizer que a sexualidade feminina é na literatura vitoriana um dado oculto. Não há de fato nenhuma intenção de igualdade no sentido de identidade, mas sim ambição pelos mesmos direitos de se mover e, principalmente, de ser ela própria. Como Lilith, a preceptora é uma figura que seduz e encanta ao mesmo tempo em que é representada como o aspecto negativo e transformador do feminino.

Tentando se adaptar num ambiente hostil, que não lhe pertence, a governanta esquadrinha os processos mentais e emocionais sofridos por alguém submetido à situação de agregada a uma família patriarcal na Inglaterra. Podendo ser encarada como uma heroína trágica, representa a fragilidade da mulher sem terra, sem nome, movida pela necessidade de se encontrar. A complicação da trama é mantida por um sentimento único: o ato de proteção. Desejando apenas o reconhecimento de sua competência na função que lhe incumbiram, a preceptora protege seus interesses criando uma situação que lhe permite movimentar-se ao seu modo e com suas regras.

O interesse vital em proteger as crianças de um mal terrível que assola a propriedade, não é nada mais que uma desculpa para que suas qualidades não se percam de vista e se sobreponham a

quaisquer outras que ameçam ofuscá-las – como a beleza e a doçura das crianças. Ansiosa por ser aceita, por merecer o amor do patrão, por se adaptar a um ambiente novo, por cumprir bem uma tarefa de extrema responsabilidade, a governanta quer colocar em evidência sua capacidade de controlar a situação, mesmo que tenha de sacrificar a todos para alcançar a reputação desejada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRANDÃO, Izabel. *A imaginação do feminino segundo D. H. Lawrence*. Maceió: EDUFAL, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios*. 3^{aa} ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FREUD, Sigmund. “*Gradiva*” de Jansen e escritores criativos e devaneios. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUNCK, Susana Bornéo. Da questão da mulher à questão do gênero. **In:** —. (Org.). *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: UFSC, 1999.

KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith*. Tradução de Rubens Rusche. São Paulo: Cultrix, 1986.

LIMA, Tereza Marques de Oliveira; MONTEIRO, Maria Conceição. (Org.). *Figurações do feminino nas manifestações literárias*. Rio de Janeiro: Caetés, 2005.

LOPES, Francisco Carlos. A Eficácia do Parafuso. **In:** JAMES, Henry. *The Turn of the Screw*. Tradução de Chico Lopes. São Paulo: Landmark, 2004.

MONTEIRO, Maria Conceição. *Sombra errante: a preceptora na narrativa inglesa do século XIX*. Niterói: EdUFF, 2000.

PAIVA, Vera. *Evas, Marias, Liliths... As voltas do feminino*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

SCHWENGER, Peter. The Masculine Mode. **In:** SHOWALTER, Elaine. *Speaking of Gender*. Routledge: New York and London, 1989.

WANDERLEY, Márcia Cavendish. *A voz embargada: Imagem da Mulher em Romances Ingleses e Brasileiros do Século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1996.

XAVIER, Elódia. Para além do cânone. **In:** RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e Feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999, p. 15-22.